

Tecnologias, espetacularização da vida e subjetividade contemporânea

Elizabeth Menezes Teixeira Leher

Nunca a tecnologia das comunicações foi tão aperfeiçoada; e, no entanto, nosso mundo se parece cada vez mais com um reino de mudos. [Eduardo Galeano(1)]



(1)GALEANO, Eduardo A caminho de uma sociedade da incomunicação? In MORAES, Denis (Org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

Na sociedade do capital é imenso o poder de sedução que as tecnologias da informação e comunicação (TIC) exercem sobre as pessoas no contexto contemporâneo. Por meio delas tem sido possível a visibilidade e a exposição da vida cotidiana colocada em cena pela utilização de diversas ferramentas disponíveis *on line* – *blogs, webcams, fotologs, YouTube, Orkut* e, mais recentemente, *Twitter*. Os novos gêneros de confissão pública na internet proporcionam um espetáculo de (e para) milhões de usuários de todo o mundo no qual a exibição de suas intimidades, em

palavras e imagens, está acessível aos olhares de quem estiver interessado.

Tais práticas de exposição da intimidade configuram segundo Bruno & Rosa (2004), uma visibilidade expandida que transtorna os limites entre o público e o privado, renovando “o interesse pela relação com o olhar do outro e pelas formas de espetáculo aí implicadas” (p.2).

Este fenômeno contemporâneo nos reporta à construção teórica do sociólogo Guy Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo, desenvolvida em um contexto marcado por intensa expansão do capitalismo monopolista e de exacerbação do fetichismo da mercadoria. Nas palavras de Debord, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação” (tese 1). O espetáculo é encarnado de enorme positividade: ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’. Ele, então, ‘não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens’ (tese 4).

Na exibição contemporânea do banal, da exaltação do corriqueiro, que experiências de si e do outro são construídas? As TIC articuladas aos dispositivos de visibilidade colaboram para a produção de que tipo de subjetividade? O processo histórico afeta os modos de ser, contribuindo para a configuração de certas formas e inibindo outras. No contexto contemporâneo “... parece se tratar de um grande movimento de mutação subjetiva, que empurra paulatinamente os eixos do eu em direção a outras zonas: do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro” (SIBILIA, 2008, p. 90-91).

Debord (1997, tese 17) assinala que no contexto atual “da ocupação total da vida social pelos resultados acumulados da economia” há um deslizamento “generalizado do *ter* em *parecer*”. Tal como na imagem que acompanha este texto, hoje é necessário aparecer, ganhar visibilidade, exhibir-se aos olhos alheios e garantir audiência. A espetacularização da

personalidade e o registro imperativo de novos relatos a todo momento está aliada à busca constante de um presente perpétuo.

Talvez uma possibilidade de abrir brechas e constituir outros modos de ser e estar nos tempos de hoje seja, como afirma Sibilia (2008, p. 276), por meio da “resistência aparentemente humilde às tiranias da exposição”, provocando interferências “nesses circuitos que tão sedutoramente se oferecem como os mais desejáveis”.

REFERÊNCIAS:

- BRUNO, Fernanda; ROSA, Pedro. Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-16, julho/dezembro 2004.
- DEBORD, Guy Sociedade do espetáculo. 1997 (1967). Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>. Acesso em: 01 jul. 2009.
- SIBILIA, Paula O show do eu – a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

sobre o(a) autor(a):

Doutora em Educação, pesquisadora do NUTES/UFRJ e membro do grupo de pesquisa "Educação e Comunicação" (Proped/UERJ-CNPq).